



## **DIÁRIOS ERÓTICOS EM MEIO AO CAOS: pandemia e escrita de si dentro-fora de casa**

## **EROTIC DIARIES IN THE MIDDLE OF CHAOS: pandemic and self-writing inside-out**

## **DIARIOS ERÓTICOS EN MEDIO DEL CAOS: pandemia y autoescritura de adentro hacia afuera**

**Marcus Antônio Assis Lima<sup>1</sup> & Emanuelle Sousa Nascimento<sup>2</sup>**

**Resumo:** A escrita de diários serve como um autocuidado frente ao período atípico e desafiador que atualmente passamos diante da pandemia do Coronavírus. Nesse momento, qualquer inquietação que possa ser registrada perante as estratégias opressoras dos governos em tentarem controlar o caos tornam-se materialidade, discurso e sobretudo memória frente ao desencadeamento de ideologias. Essa é a questão que permanece causando ansiedade e, ao mesmo tempo, contempla a proposta em refletir sobre a escrita de diários eróticos uma vez que a ação autorreferencial parece um lugar possível de fugir dessa realidade conspiratória e paranoica. Tal prática sugere um terreno fértil já que até o estado de vivente torna-se ameaçado diariamente. O pânico alastrado é o principal mobilizador para o desenvolvimento desse breve ensaio: o isolamento forçado corrobora criativamente (ou não) para construção da escrita de si, ainda que, em uma tentativa consciente de escrever para deixar um legado, escrever para viver.

**Palavras-chave:** Diário; Escrita de si; Erotismo.

---

<sup>1</sup> Marcus Antônio Assis Lima é Professor titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB- Campus Vitória da Conquista). [malima@uesb.edu.br](mailto:malima@uesb.edu.br).

<sup>2</sup> Emanuelle Sousa Nascimento é Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens (PPGCEL), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB- Campus Vitória da Conquista). [emanuellenascimento@gmail.com](mailto:emanuellenascimento@gmail.com).

**Abstract:** Journal writing serves as self-care in the face of the atypical and challenging period we  
Cadernos de estudos culturais, Campo Grande, MS, v. 1, p. 203-214,

are currently facing with Coronavirus pandemic. Nowadays, any concern that can be registered in the face of the oppressive strategies of governments in trying to control chaos become materiality, discourse and, above all, memory in the face of the unleashing of ideologies. This is the question that remains causing anxiety and still contemplates the proposal to reflect on the writing of erotic diaries since self-referential action seems a possible place to escape this conspiratorial and paranoid reality. Such practice suggests fertile ground since even the state of living becomes threatened daily. The widespread panic is the main mobilizer for the development of this brief essay: the forced isolation creatively (or not) corroborates the construction of the writing of oneself, although, in a conscious attempt to write to leave a legacy, to write for a living.

**Key words:** Diary; Self-writing; Eroticism.

**Resumen:** La escrita de un diario sirve como autocuidado frente al período atípico y desafiante al que nos enfrentamos actualmente frente a la pandemia del coronavirus. En ese momento, cualquier preocupación que se pueda registrar frente a las estrategias opresivas de los gobiernos para intentar controlar el caos se convierte en materialidad, discurso y, sobre todo, memoria frente al desencadenamiento de ideologías. Ésta es la pregunta que sigue causando ansiedad y, al mismo tiempo, contempla la propuesta de reflexionar sobre la escrita de diarios eróticos ya que la acción autorreferencial parece un posible lugar para escapar de esta realidad conspiradora y paranoica. Tal práctica sugiere un terreno fértil ya que incluso el estado de vida se ve amenazado a diario. El pánico generalizado es el principal movilizador para el desarrollo de este breve ensayo: el aislamiento forzado de forma creativa (o no) corrobora la construcción de la escritura de uno mismo, aunque, en un intento consciente de escribir para dejar un legado, de escribir para ganarse la vida.

**Palabras clave:** Diario; Autoescritura; Erotismo

204

## 1 INTRODUÇÃO

19 de março de 2020

Dormi com B. Quatro dias de aviso de isolamento e eu já anseio desesperadamente por uma vida com mais emoção. Sonhei a noite toda, como um desdobramento de nós dois em sua cama. Sexo. Amor. Bate-papo. Rejeição. Ele fazia sexo oral igual ao real. Me penetrava com os dedos, me beijava toda. Ah, ariano desgraçado. Ao acordar, a realidade passava a imitar o sonho.

Em março de 2020, o Brasil entrou em quarentena. Os governos decretaram estado de pandemia na luta contra o novo Coronavírus, o COVID-19, e a medida

preventiva mais assertiva e primária foi o isolamento social. Tivemos a oportunidade de receber *Sopa de Wuhan*<sup>3</sup> (2020) que acabara de ser publicada. Foi a partir dessa obra que encontramos inspiração para refletir sobre o espaço autobiográfico, a escrita de si, em um isolamento social obrigatório. Este breve ensaio sugere em profundidade refletir sobre a escrita de si em formato de diário, e, o erotismo enquanto pulsão do cotidiana, torna-se a experiência mais vital para fugir da dor e do medo de desfalecer. Trata-se de um trabalho-entressafra, pois, ao passo em que dissertamos um projeto de pesquisa de mestrado que tem como tema o erotismo e a escrita feminina, houve a necessidade desse contágio imaginário pelo COVID-19 como estímulo criativo para narrar fatos e confissões da vida cotidiana.

De repente todas as forças retrógradas do cosmos parecem confluir diretamente na Terra através da expansão do vírus. Escrever, neste momento atual sugere uma estratégia de sobrevivência, uma linha de fuga<sup>4</sup> que nos permite encontrar nas paisagens oníricas e projeções de uma vida futura: a vida frutífera que de forma otimista aguarda por nós. Conter o contato físico por ora também nos instiga a ter medo do contágio, e isso é também mais um ponto nevrálgico para aproveitar as experiências amorosas e sexuais com aqueles com quem convivemos até o fim dos tempos.

É, portanto, a partir desse espaço construído para rememorar e contemplar a arte de viver, assim como em tempos antigos, que ensaiamos sobre a escrita de diários eróticos. O diário, como um “foro íntimo”, pressupõe o ato de reavaliarmos nossas ações, oferece conforto acerca da iminência de morte, pelo seu caráter de vida memorável. A escrita de si, em diários, nesse momento, funciona como disco rígido, uma memória viva, um estatuto para nos assegurarmos de nossa vida, um lugar de interpelação sobre nossa condição humana.

---

<sup>3</sup> Esta é uma recente obra composta por filósofos contemporâneos, organizada durante o período da curva do vírus na Europa e ainda não traduzida para o Português. Disponível em: <https://www.elextremosur.com/files/content/23/23684/sopa-de-wuhan.pdf>

<sup>4</sup> Linha de fuga, conforme Gilles Deleuze e Félix Guattari, em “Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia” (2011), conceito filosófico em que o ato de fugir é um ato de coragem, de delírio e de busca de novo modo de viver. É sobretudo o estado de poesia.

O uso da máscara como símbolo de *keep distance*<sup>5</sup> é também um dispositivo silenciador. Então, silenciaram-nos fora, e aqui dentro de casa, gritamos. Tem sido uma digestão contínua de experiências que nos impõem lugares de ação e de momentos de petrificação. Paralisamos em muitas dessas vivências e praticamos a escrita autobiográfica a partir daquilo que conseguimos elaborar, psíquica e fisicamente.

Escrever na pandemia tem surtido efeito catártico. Uma experiência de catarse, em que o ato de contemplar a vida em estado de ameaça tem ocasionado sintomas diversos, tais como sentimentos de horror, piedade, purgação de paixões, adoecer e curar sucessivamente, uma prática de afirmação de si.

Os autores que fazem parte da Sopa de Wuhan, ainda que discutem e problematizam o aspecto macrossocial do vírus, acerca da política de vários governos criarem estratégias disciplinadoras nos espaços abertos, também questionam sobre o espaço privado. Franco “Bifo” Berardi, por exemplo, escreve na Sopa suas inquietações e suposições sobre o significado do vírus, se este é um efeito do corpo planetário, a Terra se rebelando, ou um vírus linguístico na psicoesfera.

Reflitamos: “A única saída é a morte, como aprendemos com Baudrillard.”<sup>6</sup> (BERARDI, 2020, p.40). Possivelmente nunca mais teremos oportunidade de viver esse tipo de acontecimento: ou morreremos ou viveremos esperando algo tão alastrador quanto. Qualquer fenômeno, da natureza ou causado pela inconsequência do homem não nos permite julgar como moralmente positivo ou negativo, percebemos nossa descontinuidade, como nos revela Georges Bataille (2004) e impermanência. Reflitamos novamente: a iminência da morte.

Escrever sobre o morrer sugere um método ensaístico de bastante profundidade filosófica, e, neste momento, quando falamos sobre o prenúncio de morte, concordamos que o estado de viver já é refletir sobre essa ameaça diária, mas, a questão que buscamos tratar é como a realidade tem sido reconfigurada a partir da constante iminência, da disseminação do pânico devido ao estado de

---

<sup>5</sup> Mantenha distância, no Português.

<sup>6</sup> “La única salida es la muerte, como aprendimos com Baudrillard”. (tradução nossa).

calamidade pública na saúde, das milhares de mortes e da ansiedade crescente junto com a curva do vírus.

A escrita de diários tornou-se um obituário. O que instigou a co-criar o universo paralelo para a escrita autobiográfica, essa prática de autoexame, é sobretudo um movimento de *autopoiesis*, um olhar para si, o autocriar. Dentro das possibilidades, escrever é terapêutico, assim como um ato de historicizar aquilo que nos inquieta e tem nos indignado.

## 2. O ESPAÇO (ISOLADO) DA ESCRITA DE SI: por um pacto com a vida

16 de abril de 2020.

Estamos passando por um período, uma Era de *lives*. A única *live* que eu queria era aquele teso e rígido órgão mostrando para mim o que é realidade. O contato, a harmonia dos nossos corpos. (Mentira essa história de harmonia, porque quando eu aceito ir, eu já pressinto que me sentirei um lixo porque ele não me oferece nem um cafézin de manhã sequer.)

Conforme Diana Klinger(2006) escrever sobre si é uma das práticas mais remotas do homem ocidental, é uma tradição desde a Antiguidade Clássica. Com seu efeito catártico, o processo de escrita sempre foi construído como uma atividade de purificação. Klinger(2006) recorre a Michel Foucault, em sua obra *Ditos e Escritos* (1999), para validar que o exercício sobre o encontro com o “eu”, a escrita de si como “formação de si” é tão antiga quanto a própria história ocidental:

(abstinências, meditações, exames de consciência, memorizações, silêncio e escuta do outro) a escrita – para si e para o outro- desempenhou um papel considerável por muito tempo. A escrita como exercício pessoal, associada ao exercício do pensamento sobre si mesmo, constitui uma etapa essencial no processo para o qual tende toda a askêsis: a elaboração dos discursos recebidos e reconhecidos como verdadeiros em princípios racionais de ação. (KLINGER, 2006, p. 24).

Para nós, interessa-nos bastante debruçar sobre essa prática tradicional de falarmos de nossas inquietações, porque é o cerne da questão desse breve

trabalho. Nesse trajeto, compreendemos que o falar de si começa com a proposta sobre meditar sobre si, atividade de reflexão e do “conhece-te a ti mesmo”.<sup>7</sup>

A elucidação do Eu na literatura, enquanto legitimação de uma escrita biográfica deu-se, conforme Arfuch (2010) a partir da voz autorreferencial em *Confissões*, obra de Jean-Jacques Rousseau do século XVIII. É neste período que teóricos se atentam para especificar gêneros autobiográficos, “confissões, autobiografias, memórias, diários íntimos, correspondências traçariam, para além de seu valor literário intrínseco, um espaço de autorreflexão decisivo para a consolidação do individualismo como um dos traços típicos do Ocidente.” (ARFUCH, 2010, p.35). Para Philippe Lejeune (2014) os diários, as cartas, e suas particularidades tornavam-se objetos de estudo nas ciências humanas, assim como o interesse pela vida privada também aumentava concomitantemente, porque essas transformações faziam parte de novos panoramas e práticas para além de valor estético, e sim, social.

Arfuch (2010) afirma, a partir do pensamento hermenêutico-fenomenológico que o que está em questão, em matéria de autobiografia é o viver, em particular: a inquietude existencial. A autorreferencialidade na escrita já representa em si uma totalidade do que foi vivido, porque viver encontra-se em um sentido total, uma perspectiva que transcende.

Cada pessoa no globo percebe o pandemônio pandêmico de uma forma subjetiva e bastante individual, o fenômeno COVID-19 incita reações inimagináveis na humanidade, mas, falar de vivência e escrita de si já nos possibilita identificar o quanto essa, que por si só caracteriza-se como uma prática solitária, e, nesse momento atual compõe um espaço isolado autobiográfico, como nos lembra Elias uma prática de escrita autógrafa que faz surgir em nós a redescoberta, e por que não, a ressignificação da solidão, “sob o amparo do segredo – a leitura silenciosa, a meditação.” (ELIAS, apud ARFUCH, 2010, p.40).

Ainda que este breve trabalho incida sobre o caráter memorialístico da escrita de si nesse momento de pandemia, levantar referências sobre memória e discurso demanda outro projeto, no entanto, ainda sobre a ressignificação de estar

---

<sup>7</sup> Diálogo entre Sócrates e Alcibíades sobre o autogoverno e a importância do autoconhecimento e do cuidado de si na governância. Primeiro Alcibíades In: Platão diálogos. Trad. Carlos Alberto Nunes. Ed. UFPA, Pará, 2007.

só, isolado, e construir artimanhas para não cairmos no esquecimento, encontramos em Norbert Elias o lugar da morte, sob o ponto de vista sociológico. Elias compreende que nós em estado de viventes temos a necessidade, consciente ou não, de deixarmos um registro da nossa existência, para que sejamos lembrados futuramente por outras gerações.

### 3. DIÁRIOS ERÓTICOS COMO FUGA para *la petite mort*

20 de maio de 2020.

I. me complementa em tudo. Até os temperamentos iguais e a intensidade no ato. O toque vence as barreiras da minha alma. Será mais um para minha lista interminável de casos fracassados? Tamanho ok. Cheiro ok. Só não me excita a voz. Me desfalece (me brocha mesmo). Por falar em vozerão...Ah, a voz de J., que saudade. Antes de dormir, rememoro áudios de 2018 e gozo só de ouvir.

Partimos de Philippe Lejeune (2014) e seus ensaios sobre o diário neste item. “O que é um diário? A palavra nos diz, em primeiro lugar, que é uma escrita cotidiana: uma *série de vestígios datados*.” (p.299). São escritos do nosso cotidiano que tem como objetivo principal narrar, listar eventos, marcantes ou não, mas expurgar. Ele possui funções diversas, conforme o teórico acima: pode servir-nos como momento íntimo e desabafo, como melhor amigo frente a uma crise, e, ter início, meio e fim já muito bem planejados. Pode ser um diário de bordo, associado a alguma atividade laboral ou de pesquisa, para registrar fenômenos, que por sua vez não deixa de ter o caráter de entressafra - *work in progress*<sup>8</sup> -entre dois projetos mais relevantes.

A escrita de diários abre possibilidades para começar e abandonar sempre que convém ao diarista. É uma atividade passageira, inconstante. Depende do desejo de expor questões pessoais, experiências, conflitos, como mencionamos, ou arroubos afetivos. Para Lejeune (2014) diário é como um tratado sobre o suicídio. Pensar em seu fim é perturbador. Toda escrita diária pressupõe o intento de escrever no dia seguinte, é um instrumento para garantir seu futuro:

---

<sup>8</sup> Expressão utilizada para definir *trabalho em andamento*. Originalmente criada por empresas no entanto, este termo pudemos conhecer através de artistas da performance para designar produto estético ainda inacabado, em processo de criação.

Por isso é reconfortante comprar, em janeiro, uma agenda: é um seguro de vida de um ano. O diarista se protege da morte através da ideia de continuação. A escrita de amanhã, por sua reduplicação indefinida, tem valor de eternidade. A intenção de escrever outra vez pressupõe a possibilidade de fazê-lo: entramos em um espaço fantasmático no qual a escrita se sobrepõe à morte – *postcritum* infinito... (LEJEUNE, 2014, p.313).

A relevância dessa prática, voltemos ao entendimento sobre o cuidado de si na Antiguidade, é o autoexame. É o tratado que se firma entre diarista e o papel para se avaliar e relatar um sentimento, um fato, um desejo. O diário encerra em si mesmo sua arte e seu jogo, como refúgio, aventura, e, sua função ritualística é tão interessante porque denota uma espécie de engendramento de “eterno retorno”<sup>9</sup>. “O diário não é o registro de presentes sucessivos, aberto para um futuro indeterminado e fatalmente limitado pela morte. Desde o começo, ele programa sua releitura.” (LEJEUNE, 2014, p.315). Encontramo-nos nesse momento experimentando a crise eventual da pandemia de um vírus, e, a escrita como performance tem tornado os dias menos improdutivos, apesar da colossal ansiedade. A releitura opera em caráter de reelaboração de si, de mim, de nós.

O discurso erótico não foi uma mera opção, trata-se de uma reflexão pessoal sobre um diário-performance ocupando esse lugar de entressafra. Paralelo ao objeto da escrita da dissertação, aqui também reflete a pesquisa em si, porém motivada pela crise. É um manifesto que serviu para alavancar a própria escrita supracitada: o choro engolido, o medo narrado e um inventário direcionado para pensarmos essa condição humana eterna de (des)continuidade.

22 de junho de 2020

Hoje acordei melhor. Depois que retornei a ler “O manifesto sobre a vida do artista”, de Marina Abramovic, muitas coisas regurgitaram. A cada vez que o leio, sinto-me em êxtase. Esse é o lugar que ocupo, meu eu-corpo, que não é meu, sou eu, em processo químico, metabólico tentando apenas PERTENCER. Eu penso como se minha vagina tivesse um cérebro-boca. Voraz. Faminta. Quero engolir e invocar as forças paranormais.

Tópico 12:

---

<sup>9</sup> Lejeune não referencia esse termo, mas como se trata de uma teoria encontrada em diversos povos antigos sobre a tendência cíclica do tempo, no qual se compreende que eventos que passamos tendem a se repetir sucessivamente.

Um artista deve dar tempo para longos períodos de solidão.

Tópico 3:

Um artista deve desenvolver um ponto de vista erótico do mundo. Um artista deve ser o erótico.

Minha boca chamada vagina que cria estratégias de autoalimentar, na solidão.

Canso-me.

Esta é uma diretriz de um manifesto-escritura. Meu corpo, aliás, o eu-corpo é pele, órgãos, mente e energia. É sexo. Ele todo.

Isso é um texto-performance. Não é apresentação. É PRESENTAÇÃO. Eu presente. Assim como Marina. Eu estou aqui.

Convenhamos que não dá para falar sobre erotismo sem retornarmos às reflexões filosóficas de Georges Bataille. A sua obra *O Erotismo*, publicada primeiramente em 1957 atenta-se à complexidade humana em torno da própria individualidade e da sua condição enquanto seres em busca de continuidade. Suas reflexões, de grande profundidade filosófica colocam-nos em um lugar de desespero e, ao mesmo tempo, de despertar para essa condição: somos perecíveis, e parece ser obsessiva a busca por totalidade através da conexão erótica com o outro, do sexo, da reprodução sexual.

A pesquisa de Bataille sobre o erotismo não como um olhar para um objeto de uma ciência, e sim como experiência inerente à vida, ou como o mesmo afirma “uma contemplação poética (BATAILLE, 2004, p.14.) Esse afirma que há em nós o sentimento de abismo de que precisamos reproduzir porque existe a morte, e a morte causa essa fascinação, aí está o erotismo. Eis o sentimento fascinante que nos difere dos animais, a reprodução sexual é o que nos leva a perceber o quanto somos seres distintos, separados, descontínuos.

Do erotismo é possível dizer que ele é a aprovação da vida até na morte. Para falar a verdade, isto não é uma definição, mas eu penso que esta fórmula dá o sentido do erotismo melhor que uma outra. Se se tratasse de definição precisa, seria necessário partir certamente da atividade sexual de reprodução da qual o erotismo é uma forma particular. A atividade sexual de reprodução é comum aos animais sexuais e aos homens, mas, aparentemente, só os homens fizeram de sua atividade sexual uma atividade erótica, e o que diferencia o erotismo da atividade sexual simples é uma procura psicológica independente do fim natural encontrado na reprodução e na preocupação das crianças. Abandonando essa definição elementar, voltarei imediatamente à fórmula que propus inicialmente, segundo a qual o erotismo é a

aprovação da vida até na morte. Com efeito, se bem que a atividade erótica seja inicialmente uma exuberância da vida, o objeto dessa procura psicológica, independente, como eu o disse, da preocupação de reprodução da vida, não é estranho à morte. (BATAILLE, 2004, p.19).

Percebamos como a morte é costurada nesse breve artigo sobre diários eróticos de uma forma que ela é o ponto de chegada e de partida. E, falar de erotismo é falar da vida, como nos apresenta o supracitado escritor “o erotismo está na consciência do homem, o que faz com que ele seja um ser em questão.” (BATAILLE, 2004, p.46). O discurso erótico, portanto, pauta-se nessa relação oposta de morte e vida interior, a certeza da descontinuidade.

Lúcia Castello Branco (1985, p.17) em seus estudos sobre erotismo, compreende este como “fenômeno cultural, impulso consciente em que nos lançamos na tentativa de transcender os limites da existência.”

É, portanto, em torno desses impulsos antagônicos de morte e vida que o erotismo se articula. Ele nos dirige à morte, exatamente quando o que buscamos é perpetuar a vida, permanecer, continuar, prolongar indefinidamente o instante fugaz do gozo. Por isso a trajetória erótica é sempre absurda e obscura: ao tentar desafiar os limites da condição humana, Eros deve sucumbir, pois só na morte reside essa possibilidade remota de permanência, de continuidade. (BRANCO, 1985, p.16).

A escrita erótica, neste caso, evoca essa suposta continuidade. Trata-se de um prazer sensual. Ter um diário dá-nos um lugar de autocriação, e não seria essa composição de si uma relação de gozo diante do isolamento que encontramos no momento atual? É nesse momento de debruçar sobre si para confessar tudo o que no corpo afeta, no cotidiano, que há ali o gosto e o jorro da autopoiesis, a fuga para *la petite mort*.<sup>10</sup> Obviamente que todo o tratado para chegar ao discurso erótico proposto por Bataille e Branco são indubitavelmente mais extensos do que a gotícula aqui apresentada, porém são referências primordiais para compreendermos o anseio da escrita de diários ao qual temos apresentado desde o princípio.

## **ASPECTOS CONCLUSIVOS: Post-mortem ou um ensaio para a vida**

---

<sup>10</sup> Petite mort – do Francês, “a pequena morte”, conhecida como o momento pós-orgasmo, que transcendemos a volúpia, o prazer sexual.

18 de julho de 2020

Batimentos acelerados, mas sinto uma proteção espiritual. Esse diário está mais para atestado de óbito do que para meus sonhos eróticos. Quer dizer...Escrevo para viver. 01:06 am. Reencontro o termo “amor fati”, amor ao destino, ao que me afeta, ao que me dissipa. Amor à impermanência. Amor ao que me foge, ao que me violenta, ao que me destrói. Amor. Amor aos meus fracassos, aos meus idealismos e arremessos. Não quero nada. Só estar aqui. Escrevendo esse abismo que me fascina. Ele, o Eros.

As experiências eróticas brevemente relatadas nos tópicos dos itens são confissões, dão lugar aos devaneios, alimentam projeções puramente oníricas. São experiências fugidias neste período de isolamento que apelaram por amor e vontade de viver, já que a verdade absoluta, chamada de morte por Baudrillard são como prenúncio da descontinuidade da condição do viver. Os diários são possibilidades de escritura, como nos rememora Donna Haraway (2000) o termo “escritura”: tudo que no corpo afeta, no campo social é material, serve, para nós, como legado, resistência e resignação. Os diários são como um manifesto artístico em estado de ruptura e desconexão, e, portanto, essa atitude de auto-observação seria uma forma de cuidar de si, uma maneira de estruturar a vida do diarista em um período tão não-natural.

Como foi mencionado, trata-se de um trabalho em estilo entressafra, pois figura-se como uma pesquisa em andamento, já que a pandemia tem reconfigurado a proposta, e, dessa forma, além de tempos sombrios traz, em contrapartida, mais clareza para o que de fato interessa nesse momento tornar memória e discurso.

Refletir sobre o estado de presença e ter em mãos papel e lápis como instrumentos de contemplação poética da dor, da solidão, das frustrações, sem dúvidas, nos indica apenas o início, não o póstumo. A confissão é uma atividade eminentemente humana também, somente nós temos habilidades cognitivas para transformar esse estado forçado de solidão em um lugar de gozo, de prazer. Por ora, COVID-19 ainda nos açoita, mas o medo, nós o escrevemos, e morre aqui.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. São Paulo: Arx, 2004.

BERARDI, Franco “Bifo”. *Crónica de la psicodéflición*. In: AGAMBEN, Giorgio. et al. *Sopa de Wuhan: Pensamiento Contemporáneo em Tiempos de Pandemias*. 2020. Disponível em: <https://www.elextremosur.com/files/content/23/23684/sopa-de-wuhan.pdf> acesso em 10 de abril de 2020.

BRANCO, Lúcia Castello. *Eros travestido: um estudo do erotismo no realismo burguês brasileiro*. Belo Horizonte: UFMG, 1985.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

NORBERT, Elias. *A solidão dos moribundos seguido de envelhecer e morrer*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos. Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. MOTTA, Manoel Barros da (Org.). Tradução de Vera Lúcia Avelar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999. v. 1.

HARAWAY, Donna J. “Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX”. In: SILVA, Tomaz T. (Org.). *Antropologia do ciborgue: As vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

KLINGER, Diana. *Escritas de si, escritas do outro: autoficção e etnografia na narrativa latino-americana contemporânea*. Tese de doutorado, Instituto de Letras (UERJ), 2006.

LEJEUNE, Philippe. *O Pacto Autobiográfico: de Rousseau à Internet*. 2ª ed. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

PLATÃO. *Diálogos de Platão*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Ed. UFPA, Pará, 2007.

Artigo recebido em: 30 de setembro de 2020.

Artigo Aprovado em: 06 de dezembro de 2020.